Globethics Repository



Um encontro com o movimento estudantil [An encounter with the student movement]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Giacomini Palma, Matheus;Pires Jaeger, Fernanda
Publisher	Editora UnilaSalle
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-13 17:54:01
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/224165

UnilaSalle Editora

DIÁLOGO (ISSN 2238-9024)
http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo
Canoas, n. 24, dez. 2013

UM ENCONTRO COM O MOVIMENTO ESTUDANTIL: CARTOGRAFANDO FRUTOS DE LUTA

Matheus Giacomini Palma [1]
Fernanda Pires Jaeger [2]

Recebido em: 14/01/2013 | Aceito em: 22/11/2013

Resumo: O objetivo geral deste trabalho foi compreender de que forma a participação no movimento estudantil afetou o estudante de psicologia em sua formação. Para isso, usou-se o método cartográfico em uma roda de conversa com três profissionais em psicologia que participaram do movimento estudantil. Na graduação, os participantes tiveram a experiência de pensar o coletivo, fugindo de uma formação voltada para uma perspectiva individualizante do sujeito. Essa vivência potencializou o olhar crítico, frente ao que é encontrado em suas profissões e suas vidas.

Palavras-chave: Subjetividade; Movimento Estudantil; Cartografia.

AN ENCOUNTER WITH THE STUDENT MOVEMENT: MAPPING OF FRUIT FIGHT

Abstract: The objective of this study was to understand how participation in the student movement affected the psychology student in her training. For this we used the cartographic method in a round of conversation with three professionals in psychology who participated in the student movement. Upon graduation participants had the experience of thinking about collective fleeing oriented training for an individualized perspective of the subject. This experience has enhanced critical look ahead to what is found in their professions and their lives.

Keywords: Subjectivity; Student Movement; Cartography

Introdução

Penso que, quando nos envolvemos em uma pesquisa, algo afeta o pesquisador, que o faz criar essa potência de conhecer e vivenciar. Assim, este trabalho tem como objetivo compreender de que forma a participação no movimento estudantil na graduação de psicologia afetou os psicólogos entrevistados. Para isso, foi realizada uma roda de conversa com três profissionais da psicologia, que participaram do movimento estudantil em suas graduações, para que a partir desse encontro, se tornasse possível trocar e problematizar algumas vivências.

[1] Psicólogo graduado pelo Centro Universitário Franciscano. E-mail: mathgiacomini2@gmail.com
[2] Psicóloga, Mestre em Psicologia pela PUCRS e professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário Franciscano. E-mail: fpjaeger@unifra.br

Considero essa participação, não somente no movimento estudantil, mas a experiência de problematizar a vida a partir da militância, como outra forma de graduação, uma vivência que proporciona novos modos de pensar as relações que temos com o outro e com outras instituições. Os militantes do movimento estudantil podem e são pensados como agentes que não lutam diretamente contra uma classe ou instituição, mas que a partir de problematizações e ações, buscam melhoras para o social (POERNER, 1995). Como Foucault (1977) contou--nos que a militância não tem de ser uma paixão triste, logo, brinco com as palavras aqui escritas, crio uma metáfora com pulgas (GUARESCHI, VINADÉ, 2007) e a fala anterior de Poerner (1995). Militar se assemelha à criação de pulgas, de estar com a "pulga atrás da orelha", de criar problematizações para as situações que estamos mergulhados diariamente.

Esta pesquisa foi feita de uma forma não tradicional, onde se trabalhou sem um modo preestabelecido de "como fazer", mas sim de como uma maneira de vivenciar o presente, logo foi escolhido o método cartográfico para o desenvolvimento do estudo. Tal proposta, criada por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), possibilita que o pesquisador experiencie o encontro juntamente com o objeto de estudo, podendo assim mapear o encontro.

É trabalhado, ao longo do texto, que a participação no movimento estudantil para os sujeitos pode ser um dispositivo capaz de promover outras formas de subjetivação. Logo, é adotada a noção de dispositivo de Foucault (DELEUZE, 1990), em que a subjetividade é concebida como sendo formada por diversas linhas de força heterogêneas, as quais atravessam os sujeitos, formando processos subjetivos. Tais linhas podem ser a família, o trabalho, a escola, entre outros, sendo que, elas, ao tocarem a pessoa, podem desviar-se, formar uma curva, o que é chamado de linha de fuga, uma quebra de território subjetivo, onde o sujeito pode explorar outros terrenos subjetivos (DELEUZE, PARNET, 1998).

Como questão norteadora para a pesquisa foi pensada a seguinte pergunta: participar de um movimento estudantil, na graduação, proporciona ao indivíduo novos olhares frente à formação acadêmica e à vida? Então, a partir desse questionamento, foram pesquisadas questões sobre movimento estudantil, militância e subjetivação, para tentar mapear um pouco sobre essa temática.

Referencial teórico

As linhas, os corpos, os territórios... A subjetividade

Nesta pequena divisão do texto pretendo expor como foram concebidos os modos de subjetivação nos sujeitos, trazendo que a subjetividade é totalmente ligada ao tempo e ao corpo, expressando, assim, um modo de vida captado pelo sujeito (CARDOSO JR., 2005). A subjetividade, para Foucault (DELEUZE, 1990), pode ser construída (ou até desconstruída) por diversos dispositivos em que o sujeito está imerso na sociedade. Agambem (2009) aprofunda esse conceito de Foucault, como vemos na seguinte citação: dispositivo passa a ser "qualquer coisa que tenha, de algum modo, a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes" (AGAMBEM, 2009, p. 12). Assim, os dispositivos são diversos: a escola, as prisões, a família, entre outros como a internet, os telefones celulares, o monitoramento urbano (AGAMBEM, 2009).

A ideia de tempo refere que qualquer fato, qualquer corpo, sempre está atravessado por um dado

momento histórico (CARDOSO JR., 2005). Sendo assim, os diversos modos de subjetivação são vinculados a vários dispositivos históricos, sendo que todos partem de uma construção.

O corpo não pode ser reduzido à ideia corpórea de organismo, pois ele é compreendido como uma forma de potência (CARDOSO JR., 2005). Para Foucault (1984), essa potência denomina-se prazer, que seria o lado criativo, mutante, transformacional do corpo. Então essa potência, entendida como corpo no encontro com outros corpos, gera novas potências, sendo a noção de corpo, como já dito, diferente de organismo. Podem ser imagens, ideias, outros corpos, etc. Assim, os diferentes dispositivos, atravessados pelo tempo e pelos corpos, produzem novos modos de subjetivação.

Deleuze (1990) compara os dispositivos com novelos de lã, ou seja, eles são um conjunto de diversas linhas heterogêneas, que, ao mesmo tempo, se aproximam e se afastam, que organizam, desorganizam e que produzem subjetividade. Cardoso Jr. (2005), cria uma metáfora hidrodinâmica em relação às linhas de força, onde o rio corresponde a uma força maior, dominante de subjetivação e os remansos, que são pequenos riachos que escapam à corrente maior, são pequenos novos terrenos frente às margens do rio maior. Por mais que tais linhas de subjetivação dominante estejam presentes, essas mesmas linhas se tensionam, formam curvaturas e produzem novos terrenos subjetivos, em uma tentativa de escapar, de fugir em meio a uma crise, o que é denominado de linha de fuga (DELEUZE, PARNET, 1998).

As linhas de fugas surgem como resistência dos dispositivos dominantes que atravessam o sujeito, e o permitem passar por um processo de quebra de subjetividade, uma desterritorialização (ALVIN, 2010). Compreende-se, como território, o terreno subjetivo formado por várias linhas presentes no campo social, sendo que a partir das linhas de fuga há o movimento de desterritorialização, que seria a quebra, a fuga dessa subjetividade sólida. Porém, sempre acompanhada do processo de reterritorialização, o qual seria formar novamente um terreno subjetivo fechado (CARDOSO JR., 2005).

O que falar sobre movimento estudantil?

Segundo Gohn (2008), podemos entender que movimentos sociais são ações coletivas de caráter social e político, organizados por parcelas da sociedade, que têm como objetivo expressar e organizar suas demandas. Logo, entre os diversos tipos de movimentos, o Movimento Estudantil tem, como seus participantes, os estudantes. Os estudantes não são uma classe social específica dentro do movimento e, também, não lutam diretamente ou exclusivamente contra outra classe social (POERNER, 1995). São pensadores e agentes que visam mudanças sociais em prol de determinados benefícios sociais, em que essa ação militante vem de uma tomada de consciência, que implica a união de sujeitos, para problematizar as situações vivenciadas (POERNER, 1995). Geralmente, esse movimento é composto predominantemente por estudantes universitários. Porém, não somente deles, há outros estudantes, como também outros sujeitos presentes na sociedade, fora do contexto educacional, se assemelham com a causa, participando desse grupo.

Os movimentos são as ações frente algumas realidades presentes na sociedade, sendo caracterizados pela participação da minoria dos sujeitos (RIBEIRO, 2007). Pode-se afirmar, com o pensamento de Guareschi e Vinadé (2007), que o estudante, participante do movimento estudantil é um (possível) militante, alguém que está desacomodado com algo, alguém que busca a dissolução de poder e afirma suas forças de resistência em torno de um ideal. Ressaltando uma pequena frase: “A desacomodação aparece nos relatos

de militantes como um pré-requisito implícito para a militância" (GUARESCHI e VINADÉ, 2007, p. 70).

Por mais que se ressaltem aspectos do movimento estudantil em uma perspectiva em torno de 50 anos atrás, serão primeiramente abordados os primórdios do Movimento Estudantil no Brasil. No Brasil Colônia, em suas primeiras universidades, havia acadêmicos que se preocupavam basicamente com questões curriculares. O movimento estudantil se transformou e passou a se ocupar com questões de ordem social (POERNER, 1995). Sendo assim, o Movimento Estudantil começou a se inserir em questões que extrapolavam as problemáticas das universidades. E também se agregou a lutas políticas e associadas a outros movimentos. Um dos momentos em que houve uma luta mais intensa do Movimento Estudantil foi nos períodos em que o Brasil passou pelo regime militar (RIBEIRO, 2007, CAVALARI, 1987; SANTANA, 2007).

Enfim, percebe-se como sendo importante ressaltar a escrita anterior, para problematizar as novas formas de militância na contemporaneidade. Com o pensamento de Bauman (2001), os sujeitos estão dentro de uma modernidade líquida, onde, a todo momento, são inventadas novas formas do viver perante uma sociedade que nunca para. Sendo assim, o Movimento Estudantil é algo que vem sendo construído no Brasil, como dito, primeiramente no período colonial, atingindo seu ápice em visibilidade e ação durante o regime militar (POERNER, 1995). Sendo assim, o movimento estudantil no contemporâneo é líquido também, pois após novas conquistas, novas formas de militância vão surgindo, novos objetivos também (GUARESCHI, VINADÉ, 2007; POERNER, 1995).

O método escolhido para mapear

O método cartográfico foi a ferramenta escolhida para essa pesquisa. Esta opção decorre de um encontro com alguns dos autores como Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Foucault, autores de um pensamento diferente, talvez um pensamento da diferença, uma filosofia da diferença, a esquizoanálise (BAREMBLITT, 2003). Este encontro não foi feito de modo solitário, mas coletivamente em um grupo de estudos, que posteriormente se desenvolveu em um grupo de experiências coletivas, onde há a amizade, junto com paixões que movem o desejo.

A cartografia, em sua criação, é pertencente à geografia, aos geógrafos; para os mesmos, diferentemente de um mapa (o qual se refere a uma representação fixa, estável de uma paisagem terrestre) ela é um desenho do movimento, que acompanha e se cria, nas transformações das paisagens (ROLNIK, 2011). Mas qual seria o porquê de em um trabalho (aparentemente) de psicologia, usar um modo de pesquisa da geografia? Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) usam esse conceito da geografia para criar uma forma de pesquisar que surge como fuga de uma crise, a crise da cientificidade moderna (ROMAGNOLI, 2009).

Deleuze e Guattari (1995) tentam, a partir da cartografia, recriar um método que seja sem modo, ou seja, sem fórmulas predeterminadas. Neste tipo de estudo da realidade, o pesquisador tem a possibilidade de criar o seu método (ROMAGNOLI, 2009). Ele propõe mapear afetos gerados no encontro como sendo uma forma de conhecer paisagens psicossociais (ROLNIK, 2011).

Nesta forma de pesquisar reconhece-se que é necessário romper com uma postura neutra. Durante o percurso da pesquisa, percepções, sensações e afetos surgirão e, tanto o pesquisador quanto o objeto de

estudo serão mudados, estarão em novos territórios subjetivos (ROMAGNOLI, 2009). Sendo assim, parece que podemos citar a tão famosa frase de Heráclito, "não é possível banhar-se duas vezes nas águas do mesmo rio" (SILVA, 2010), pois ambos os "banhados", não serão mais os mesmos.

Logo, a cartografia é uma ferramenta interessante para o estudo da subjetividade, na qual o cartógrafo desvincula-se de concepções anteriores ao encontro com seu objeto de estudo, para assim acompanhar o processo e não representar este objeto (AMADOR & FONSECA, 2009; KASTRUP, 2007). Rolnik (2011), traz que cartografar é perceber o que nosso "olho nu" não consegue visualizar, mas sentir as sensações, afetos, que são vividos por algo que é denominado de "corpo vibrátil", que vibra ao entrar em contato com aquilo que o afeta, podendo assim mapear a subjetividade do presente, geradoa pelo campo de trocas psicossociais. Uma cartografia é um tipo de pesquisa, a qual se assemelha a uma carta de navegação, que expressa a singularidade do presente, a do encontro vivido, que é única. Ao mesmo tempo, pode ser um mecanismo para que outros, ao "lerem essa carta", possam criar suas próprias trajetórias (BAREMBLITT, 2003).

Na cartografia não há uma coleta de dados, mas uma produção de dados para a pesquisa (KASTRUP, 2007). Sendo assim, para a produção de dados, decidiu-se criar um encontro em uma proposta desenvolvida por Campos (2003), a roda de conversa. A roda de conversa permite, no encontro com o outro, o livre debate partindo de problematizações, fazendo com que os participantes falem e escutem os outros (CAMPOS, 2003).

A roda de conversa foi marcada após a aprovação do projeto referente a esta pesquisa pelo Comitê de Ética. Os sujeitos da pesquisa foram psicólogos que participaram do Movimento Estudantil em sua graduação, em diferentes instituições na cidade de Santa Maria, com no mínimo um ano de formação e que participaram, também, no mínimo por um ano, de uma gestão de diretório acadêmico em sua graduação. Para que pudesse ser realizada a roda de conversa com os psicólogos foi feito um contato informal com oito pessoas via *e-mail*. Após a resposta do convite por parte de alguns destes foi feito o agendamento do encontro, o qual foi realizado na sala do diretório acadêmico no mês de setembro de 2012. Somente três dos oito convidados aceitaram o convite, sendo que os que não aceitaram, foram por motivos de indisponibilidade de tempo para a roda de conversa e/ou também por não responderem o *e-mail*. Foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para todos os participantes, o que garantia o sigilo aos mesmos, os quais ficaram cientes sobre a totalidade da pesquisa. O encontro foi gravado, sendo que as falas em outro momento foram ouvidas e transcritas e, depois, deletado o arquivo em áudio das falas, para preservar o sigilo de todos os participantes. Após a finalização do estudo foi realizada a devolução do mesmo aos participantes.

Seria incoerente, após toda uma fundamentação não metódica apresentada teoricamente no corpo desse texto e a experiência ao acaso na roda de conversa, separar as falas transcritas em categorias e tentar analisá-las. Logo decidi incorporar as próprias falas em formato de primeira pessoa dos participantes, juntamente com o aporte teórico que será apresentado em algumas partes, no restante do texto. O cartógrafo, ou seja, o pesquisador, tem como função dar língua aos afetos, que no encontro os acompanha, desconstruindo e construindo sentidos (ROLNIK, 2011).

O mapeamento da produção

O uso da cartografia é um exercício que promoveu certas dificuldades, tanto na elaboração do projeto como para a proposta de roda de conversa. Primeiramente, por ser algo totalmente diferente do que eu estava acostumado a trabalhar no meio acadêmico. Segundo, pois necessitei me desvincular de quaisquer saberes *a priori* do encontro, uma vez que a cartografia é produzida no presente, no qual o pesquisador deve-se abrir para o que afeta a subjetividade (ROMAGNOLI, 2009).

Foram três os convidados que participaram da roda de conversa. Três psicólogos, que tinham suas semelhanças e suas diferenças em sua trajetória acadêmica e em suas atuais profissões. Nomearei de "Convidado 1, 2 e 3" para fazer a diferenciação ao longo do texto. O "Convidado 1" havia realizado toda sua graduação em uma universidade pública e estava trabalhando na Saúde Pública naquele momento; o "Convidado 2" concluiu sua graduação em uma universidade privada e estava dentro do corpo docente de uma faculdade; e por último, o "Convidado 3", havia feito sua graduação em dois momentos, tanto em universidade privada como pública e estava trabalhando em uma clínica privada.

Com bastante ansiedade, ao ligar o gravador – o qual me ajudaria mais tarde a trazer as falas dos participantes para a presente cartografia –, começamos a roda de conversa. Comecei perguntando qual foi o envolvimento dos participantes no Movimento Estudantil. Todos os participantes relataram que participaram de, no mínimo, uma gestão de uma chapa de diretório acadêmico. O diretório acadêmico forma quando acadêmicos de um curso superior, que podem estar vinculados em instâncias burocráticas com a universidade ou ser um órgão totalmente independente, têm como objetivo a representação dos estudantes frente à instituição.

Pôde-se perceber na fala dos participantes que a iniciativa de participar de um diretório acadêmico, tanto de criar uma chapa nova ou participar de uma já existente, se deu como uma linha de fuga de uma força subjetivante maior, a universidade. Esta corresponde a um dispositivo que produz certos modos de subjetivação e exerce relações de poder com o sujeito, na medida em que apresenta um grande acúmulo de saberes e verdades. Neste sentido, através da participação no Movimento Estudantil há o uso do poder dos estudantes que, associados ao mesmo, geram grandes mecanismos de práticas de si (FOUCAULT, 1979; 1985).

Foucault (1979), traz que o poder está presente em todas as relações, porém, o mesmo é exercido e não está solidificado ou preso a uma unidade ou instituição. Sendo assim, foi percebido que a entrada no diretório acadêmico surge como uma resistência à grande força da universidade, uma linha de fuga perante as grandes forças subjetivantes que a mesma exerce sobre os sujeitos.

As seguintes falas chamaram-me a atenção, do diretório acadêmico como possibilidade de obter outro olhar e problematizar a universidade:

> "(...) daí tinha várias coisas do curso que a gente discordava..." (Convidado 1);
>
> "Mas sempre tem uma questão. Sempre tem uma, ou uma coisa, que o outro diretório acadêmico não deu conta, contra a instituição que é muito forte." (Convidado 2);
>
> "(...) mas quando existiu um grupo que foi forte, a ponto de reivindicar e questionar esse diretório acadêmico, ele acabou por si só tomando esse lugar, né, e assumindo uma posição frente ao que estava sendo apresentado..." (Convidado 3).

Em certo momento da conversa, houve o questionamento de se havia alguma diferença da participação política entre universidade pública e universidade privada. Quanto a isso, a seguinte fala faz referência a um aspecto descrito por Foucault (CARDOSO, 2005) sobre o Tempo e o Corpo no processo de subjetivação:

> "Depende do momento que o curso tá passando". (Convidado 3).

Neste sentido, percebe-se que, o participante que teve experiência tanto no contexto público quanto no privado, demonstrou que esta capacidade não está necessariamente presente e fixa num ou noutro. Por outro lado, ressalta que depende do momento pelo qual aquela instituição está passando. Assim, a universidade juntamente com os seus acadêmicos, pode estar situada em diferentes momentos, tanto de corpo como de tempo. Logo, o processo criativo e transformativo vai depender desta realidade.

No decorrer da roda, surge um relato histórico em que os participantes já haviam participado de gestões de diretórios acadêmicos institucionalizados eque tinham sido capturados já pelas forças subjetivantes maiores. As seguintes falas são referentes ao questionamento surgido de um diretório acadêmico que não seja em prol dos estudantes.

> "Daí ficou um troço, era um D.A. morto, um D.A. que não existia. Não tinha os alunos, não sabiam que existia. Não sabiam mesmo que tinha, não sabiam para que existia, não sabiam porra nenhuma. E ele tinha virado um diretório acadêmico que era totalmente institucionalizado." (Convidado 2).
>
> "Não representava os estudantes..." (Convidado 1).
>
> "(...) dentro da chapa, lá dentro a gente fazia função, como a gente fazia só função a gente começou a questionar, qual a função do D.A., daí a gente começou a ver que a função do D.A. era fazer função para as coisas que eram impostas..." (Convidado 3).

Assim, o que seria um diretório acadêmico institucionalizado? Como um órgão que tem a função de representatividade dos estudantes acaba não os representando? Acredito que foram cooptados. Baremblitt (1998), traz que o conceito de cooptado: seria quando a força da instituição consegue exercer o seu poder instituído sobre o sujeito.

Assim, pensando através do pensamento institucionalista, uma instituição pode apresentar características instituídas e instituntes (BAREMBLITT, 1998). O autor traz que o instituinte tem um caráter dinâmico, que tem como força produzir terrenos cristalizados, de produzir novas instituições, sendo o produto dessa força, o instituído. O instituído é o efeito da atividade instituinte, caracterizado pelo congelamento subjetivo, uma territorialização. Pôde-se observar que, no decorrer da história, essas vertentes funcionam muito bem na sociedade, para a regulação da vida humana, pois é muito difícil estipular, por exemplo, quando foi instituída a relação de parentesco (pai, mãe, filho), divisão de trabalho, religião, entre outros (BAREMBLITT, 1998).

Um diretório acadêmico pode ser cooptado pelo pensamento instituído (BAREMBLITT, 1998), rompendo assim o seu papel inicial de representação estudantil e estar a serviço da instituição. O diretório acadêmico não capturado pode ser considerado um grupo de pessoas militantes, pelo fato de estarem com a "pulga atrás da orelha" tal como destacam Guareschi e Vinadé (2007). Por serem sujeitos com o intuito de mudança é que "essas pulgas" servem como dispositivos para problematizar as condições de vida e produzir questionamentos. A necessidade de dissolver certas linhas de força presentes na universidade a partir do movimento aparece na seguinte fala:

> "(...) e teve uma continuidade esse ano, de colocar a política no movimento estudantil, forte a ponto de querer quebrar algumas coisas institucionais..." (Convidado 3).

O poder na universidade, o que era instituído, segundo os participantes, manifestava-se geralmente em um contexto burocrático, um modelo de regras a serem seguidas. Os mecanismos burocráticos são os que organizam as diversas instituições de nossa sociedade (LAPASSADE, 1977), penetrando e invadindo a subjetividade dos sujeitos, tentando normatizar a vida, denominado de biopoder (FOUCAULT, 1985).

Percebe-se que os participantes consideram que por mais esquematizadas, burocráticas e com relações de poder extremamente hierarquizadas, as instituições são compreendidas como frágeis. Em suas visões, elas não permitem a participação dos sujeitos, promovendo um conformismo e a falta de iniciativa política dos sujeitos; assim, conseguem continuar sendo as mesmas.

> "(...) política era zero dentro do curso." (Convidado 2).
>
> "Mas nem falam na possibilidade de ter um diretório acadêmico, "o que eles querem, vir nos incomodar?" (Convidado 2).

Sendo assim, os participantes percebem que o diretório acadêmico não é algo de interesse da universidade, pois este agente de ação representativa, em muitas situações, tenta quebrar pensamentos instituídos, causando um desconforto ao questionar muitos dos seus pressupostos. Assim, compreendeu-se, nessa parte do encontro, que a universidade em seu processo de governabilidade (FOUCAULT, 1981), cria mecanismos regulatórios voltados aos objetivos aos quais se propõe. Estes, por vezes, podem diminuir a potência de mudança, tanto para normatizá-los como para a mesma se manter estática.

Para os participantes, fazer parte do movimento estudantil é estar presente em um grupo, com o qual se identificam e, ao mesmo tempo, lutam por algo em comum. E nestes espaços é possível a criação e o exercício político, conforme se observa nas seguintes frases:

> "Para mim, movimento estudantil é um monte de gente organizada, pessoas que se organizam para alguma coisa, se organizam por alguma coisa que tá difícil, isso é política. Se tu precisa organizar um coletivo para entrar em debate, qualquer coisa, isso é política." (Convidado 1).
>
> "(...) que a gente criasse algo junto." (Convidado 3).

O movimento essencialmente cria novas formas de pensamento e de ação para intervir no social, para assim pensar em novas formas de melhoria (GUARESCHI, VINADÉ, 2007). Guattari e Rolnik (2005) usam o conceito de revolução de outra forma, fugindo do seu conceito em si, de voltar ao mesmo. Usam o conceito para o acaso. Lutar por uma revolução é lutar pelo acaso, por algo que muda o momento histórico, que nos tira das repetições subjetivas. Assim, a terminologia alternativa proposta por Guattari e Rolnik (2005) assemelha-se à revolução que os participantes citam, a de transformar as condições, a de construir algo com os estudantes.

Em certo momento da conversa foi percebido, na fala dos participantes, que a militância é vista como sendo a luta a favor de melhores condições para todos. No entanto, pode-se refletir em que medida isto é possível. Foucault (1981) ressalta em sua obra que a busca por um regime de verdades constitui-se uma forma de governo de si. Logo após, houve o questionamento sobre a forma como a militância estaria influenciando a vida profissional destes psicólogos: como poderia haver militância em um vínculo empregatício? Os participantes comentaram a dificuldade frente às instituições que os empregam, mas, ao

mesmo tempo, exige que atendam aos seus regimes de verdades.

Para os participantes, o posicionamento crítico quanto a mudanças necessárias nas instituições, as quais se inseriram após a conclusão do curso superior, é algo presente, mas difícil de ser colocado em prática. As seguintes falas mostram que as instituições se utilizam de mecanismos regulatórios como forma de lidar com tais posturas:

> "Sempre tem retaliações, imaginárias e reais." (Convidado 1).
> "Determinado posicionamento que tu tiver, vai ter retaliação" (Convidado 2).

Neste sentido, pode-se pensar na concepção de biopoder criada por Foucault (1985), e de Deleuze (1997), a biopotência. O biopoder seria o investimento do poder no corpo do sujeito. Já a biopotência, seria formada por várias linhas de força que têm como objetivo a normatização do sujeito: a biopotência surge como uma linha de fuga, uma forma de romper com esses mecanismos de normatização; seria uma força que luta com o poder da vida contra os mecanismos de controle.

Os participantes mostram as suas produções desejantes ao lutarem contra essa forma normativa, sendo que os mesmos relatam ser uma construção de si frente às diferentes formas de poder, sendo construções micropolíticas. Os mesmos trazem que a participação do Movimento Estudantil lhes proporcionou criar novas ferramentas de governo de si perante a vida. Este senso crítico viabilizou que os participantes pudessem potencializar a vontade de pensar, de repensar sobre os problemas presentes na vida.

Foi encerrada essa breve cartografia, que acredito ter afetado todos os participantes, com suas frases, as quais mostram a angústia de tomar partido, mas o partido de não tomar atitude frente ao imposto.

> "Eu acho que tem tudo a ver com a fome, tu pode não fazer nada, mas tu vai engordar. E o que tu comeu, não vai te satisfazer." (Convidado 3).
> "Não necessariamente ir contra. (...) tá todo mundo no mesmo barco." (Convidado 1).

Considerações finais (o fim de um mapa, a possibilidade de um novo)

Vale ressaltar que a presente pesquisa não teve ou têm o intuito de estabelecer verdades absolutas sobre qualquer uma das temáticas abordadas no decorrer do texto. Seria contra a própria metodologia usada, a cartografia, pois o intuito deste estudo era o de compreender a singularidade da experiência destes jovens profissionais.

Foi percebido que os participantes vivenciaram paixões alegres durante a participação no Movimento Estudantil. Isto porque a experiência foi algo que os afetou e também proporcionou a criação, tanto de mecanismos para enfrentar a realidade, como também problematizar a si próprios.

No entanto, o dispositivo Movimento Estudantil proporcionou/potencializou um olhar crítico, demonstrando que estes jovens apresentam uma implicação, com a dimensão social, que foge das práticas somente para si. A partir destas práticas puderam ampliar o olhar para questões de ordem coletiva: o olhar para o outro, estar em conjunto com o coletivo e lutar por transformações.

Ao discutir sobre as implicações da participação no Movimento Estudantil para a sua vida profissional, compreendeu-se que o desenvolvimento do pensar crítico e reflexivo, que constitui uma diretriz da

formação em psicologia, é fortalecido com a participação no Movimento Estudantil. E, após a formatura, estas formas de pensar e agir podem ser incorporadas nas ações micropolíticas do dia a dia do trabalho. Ao mesmo tempo, tentando promover novas formas de se colocarem frente ao trabalho e à vida, na tentativa de criar novas formas de cuidado em psicologia que fuja de moldes tradicionais.

Diante disso, o papel do psicólogo estaria atravessado pela problematização da vida e das formas de se fazer a psicologia nos contextos micropolíticos. Assim, foi de grande importância conhecer profissionais que, em sua graduação, tenham-se empenhado em uma construção que não fosse somente para si, mas que pudessem contribuir com o contexto social.

Para encerrar essa criação, voltamos para uma parte do título das considerações finais: "O Fim de um Mapa, a possibilidade de um novo". Espera-se que este trabalho, ao encontro com o leitor, não produza uma verdade absoluta sobre militância, movimento estudantil, subjetividade a ou qualquer outra temática abordada. Acredita-se que esse mapa proporcione um dispositivo para outros que procurem o encontro, com os temas, e que consigam criar. Criar novos dispositivos, novos encontros, novas linhas de fuga, enfim, que seria parte da autopoiese singular de cada um.

Referências

AGAMBEM, G. *O que é contemporâneo?* e outros ensaios. Santa Catarina: Argos, 2009.

ALVIN, D. M. Pensamento indomado: História, poder e resistência em Michel Foucault e Gilles Deleuze. *Dimensões*, Espírito Santo, v. 24, n. 1, 2010. Disponível em <http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2530/2026> Acesso em 16 out. 2012.

AMADOR, F; FONSECA, T. M. G. Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa: considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, vol. *61, nº 1*, 2009. Disponível em http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCQQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.periodicos.ufes.br%2Fdimensoes%2Farticle%2Fdownload%2F2530%2F2026&ei=fMeeUIDtA4GE9QSjg4C4BQ&usg=AFQjCNFgLS65Xl-8p9s5JaglxzOi7t1ABw> Acessado em 16 out. 2012.

BAREMBLITT, G. *Compêndio de análise institucional e outras correntes*: teoria e prática. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

BAREMBLITT, G. *Introdução à esquizoanálise* (2ª ed.) Belo Horizonte: Biblioteca Instituto Félix Guattari, 2003.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED: 2001.

CAMPOS, G. W. S. *Saúde paidéia*. São Paulo: Hucitec, 2003.

CARDOSO JR, H. R. Para que serve uma subjetividade? Foucault, Tempo e Corpo. *Psicologia*: Reflexão e Crítica, vol. 18, n. 3, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a08v18n3.pdf> Acessado em 10 de outubro 2012.

CAVALARI, R. M. *Os limites do Movimento estudantil*: 1964 – 1980. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1987. Disponível em < http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/ document/?code=vtls000018095> Acessado em 03 de out. 2012.

DELEUZE, G. *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990.

___ . *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G; GUATTARI, F (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34.

DELEUZE, G; PARNET, C. *Diálogos*. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. Preface. In: Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Anti-Oedipus*: *Capitalism and Schizophrenia*. New York: Viking Press, pp. XI-XIV, 1977. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento. Revisado e formatado por Alfredo Veiga-Neto.

___. *Microfísica do Poder*. Org e tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

___ . A Governamentalidade. In: Foucault, M. *Microfísica do Poder.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

___. *História da Sexualidade*: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1984.

___ . *História da Sexualidade: o cuidado de si* (11. ed.). Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1985.

GOHN, M. *O protagonismo da sociedade civil*: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. São Paulo: Cortez, 2008.

GUARESCHI, P. A.; VINADÉ, T. F. Inventando a contra-mola que resiste: um estudo sobre a militância na contemporaneidade. *Psicologia e Sociedade.* Vol. 19 n. 3. Porto Alegre, Dez. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000300011 &script=sci_arttext> Acessado em 06 de Nov. 2012.

GUATTARI, F. ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografias do Desejo* (7ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia e Sociedade*, v. 19, n. 1, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19n1/a03 v19n1.pdf> Acessado em 10 out. 2012.

LAPASSADE, G. *Grupos, organizações e Instituições*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

MACHADO, O. L. A reconstituição histórica dos movimentos estudantis: um debate sobre esquecimentos, celebrações, reflexões, comemorações e contra-comemorações**.** *Cadernos de História*. Ano II, n. 01, UFOP: 2007. Disponível em <http://www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria/download/CadernosDeHistoria-03-12-Dossie.pdf> Acessado em 30 set. 2011.

POERNER, A. J. *O Poder Jovem: História da participação política dos estudantes Brasileiros*. 4º ed. São Paulo: Centro de Memória da Juventude, 1995.

RIBEIRO, M. A. *História do movimento estudantil na psicologia:* leituras e reflexões acerca do ENEP

(Encontro Nacional de Estudantes de Psicologia). Memorandum, 13. Minas Gerais, MG, 2007. Disponível em: < http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a13/08Ribeiro.pdf>. Acessado em 05 out. 2012.

ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2011.

ROMAGNOLI, R. C. A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia e Sociedade*. Porto Alegre, v. 21, n. 2, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n2/v21n2a03.pdf>. Acessado em 10 out. 2012.

SANTANA, F. de A. *Atuação política do movimento estudantil no Brasil:* 1964 a 1984. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: USP 2007. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&ved=0CGsQFjAC&url=http%3A%2F%2Fwww.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F8%2F8138%2Ftde2302008113411%2Fpublico%2FDISSERTACAO_FLAVIA_ANGELIS_SANTANA.pdf&ei=ILLCT8niCYG-9QTPoJnLCw&usg=AFQjCNH1CX-Vk5DAT2SUiqqr02fb1TBH5g>. Acessado em 21 de maio de 2012.